

Abar **E** teatro

Faz de Conta

texto e direção
Orlando Moreno
com
Luciana Marques
Orlando Moreno



QUE TEM... HISTÓRIA

"...de Cabral à República Virtual..."



CURRÍCULO DO GRUPO

Fundada em 30 de outubro de 1995

Com o objetivo de formar um núcleo de estudos, visando a busca de uma linguagem estética e a criação de um Grupo de Teatro. Iniciamos a primeira montagem com o texto “O Abaré” fruto de pesquisa de Orlando Moreno e Nicco Lopez, sobre costumes, hábitos e crenças dos indígenas tupiniquins, que habitavam a região litorânea do Estado de São Paulo e os seus primeiros colonizadores.

Assim logo no primeiro ano os resultados começaram a surgir no **I Mapa Cultural Paulista, fase Regional**, sagrando-se “Campeã Regional” e premiada como: **Melhor Espetáculo**, Melhor Ator - Edgar Pedro, Melhor Atriz - Luana Bortolotti e Melhor Texto Original - Nicco Lopes e Orlando Moreno e em seguida no **X FESTA- Festival Santista de Teatro Amador**, sendo o “Campeã do Festa” como: **Melhor Espetáculo**, Melhor Texto Original - Nicco Lopes e Orlando Moreno, Melhor Direção- Orlando Moreno e Melhor Cenografia

Era o primeiro espetáculo mas ainda tínhamos muito o que caminhar, em 1997 realizamos o espetáculo “Riacho de Areia, terra de a-meia” e novamente acumulamos diversos prêmios chegando a **3º Melhor Espetáculo no Mapa Cultural Paulista-Fase Final**, e realizando diversas apresentações pelo interior do Estado de São Paulo

A partir de 1998, como resultado de muita pesquisa realizamos o espetáculo Infantil “Em Busca do Segredo Esquecido” passando a integrar o projeto “**LEIA BRASIL**” **PROGRAMA NACIONAL DE LEITURA DA PETROBRÁS**, que acompanhava por todo o país a Caravana Nacional de Leitura.

Em 1999 estreamos o adulto “CONTOS DA VILLA” que também recebeu diversos prêmios. Mas no mesmo ano o infantil “FAZ DE CONTA QUE TEM...HISTÓRIA”, texto de Orlando Moreno e direção de Antonio do Valle, definiu a profissionalização do grupo e com a vinda do diretor Antonio do Valle e os estudos específicos da escola de clowns de Jacques Lecoq – Paris – França, o grupo se especializou nessa linguagem e pode desenvolver um projeto específico para o teatro educativo.

A partir daí incorpora o folclore e une o estudos de Clown e o Popular e com a montagem do espetáculo infantil “Boi Viramundo” e “Nau Catarineta” participa dos principais Festivais do Brasil de teatro Infantil recebendo inúmeros prêmios técnicos, individuais, de Montagens e de Dramaturgia, acumulando em toda a sua história mais de 100 Prêmios e Indicações. **Onde destacamos o Prêmio Plínio Marcos de Melhor Infantil para “Boi Viramundo” o Prêmio Carlos Miranda para “Nau Catarineta”, o Prêmio PAC 21 de Melhor Infantil do Ano para “Homem Voa? Voa” e o Prêmio Incentivo ao Teatro Paulista 2008 para “A Menina e o Sabiá” e assim por diante.**

Hoje a Cia Abaréteatro, marca sua história de **15 anos de atuação** e têm sua marca consolidada no mercado teatral, realizando temporadas regulares nos principais centros culturais do país e integrando o mais respeitado e seletivo circuito teatral, além figurar nos mais renomados projetos de circulação como Mostras do SESC, SESI, Fundações Institutos Educacionais, e ainda criou e realizou por todo o Brasil o Circuito Teatro a Bordo (2007 à 2009) e agora assim como o teatro a Bordo implementa o **Projeto EMCENA BRASIL**, coordenando, realizando e participando com todo o seu repertório composto por 06 (seis) espetáculos para crianças e 02 (dois) adultos um dos maiores projetos culturais em atividade.



PROPOSTA DO ESPETÁCULO

O CLOWN

In "Le Théâtre du geste", org. de Jacques Lecoq, Ed. Bordas, Paris, 1987, pág. 117. Tradução de Roberto Mallet.

Na tradição do circo, o clown começava sendo um acrobata, malabarista ou trapezista, e depois, com o passar do tempo, não podendo mais realizar os números no mesmo nível de qualidade, ensinava-os a um jovem e tornava-se um clown.

Desde os anos sessenta manifesta-se um interesse pelo clown. Mas o clown não está mais ligado ao circo: trocou o picadeiro pela cena, pelo teatro e pela rua. Muitos jovens desejam ser clowns; é uma profissão de fé, uma tomada de posição perante a sociedade: ser esse personagem à parte e reconhecido por todos, pelo qual sentimos um vivo interesse, naquilo que ele não sabe fazer, lá onde ele é fraco. Mostrar suas fraquezas (as pernas finas, o peito largo, os braços pequenos) e enfatizá-las usando roupas diferentes daquelas que usualmente as ocultam, é aceitar-se e mostrar-se tal como se é.

O fenômeno ultrapassa a simples representação e seu espetáculo. Esse clown "psicológico", que pode desenvolver uma pedagogia dramática, necessária à liberdade do comediante, não é forçosamente um clown de espetáculo e permanece no mais das vezes sendo um modo de expressão privado. O pequeno nariz vermelho não basta para fazer um clown profissional e a representação não deve ser uma exibição consoladora.

O clown exige também uma proeza, freqüentemente ao inverso da lógica; ele põe em desordem uma certa ordem e permite assim denunciar a ordem vigente: deixa cair o chapéu, vai apanhá-lo mas, desajeitadamente, dá-lhe um pontapé e, sem querer, pisa na bengala que lhe joga de volta o chapéu nas mãos. O clown erra onde não esperamos e acerta onde não esperamos. Se tentar um salto perigoso, cai, mas o executa quando lhe dão uma bofetada. Assim o clown Grock, escondido atrás de um biombo, conseguia jonglar com três bolas, só elas visíveis ao público, o que não conseguia fazer perante o público.

O clown toma tudo ao pé da letra, em seu sentido imediato: quando a noite cai (bum!) ele a procura no chão e nós rimos de seu lado idiota e ingênuo. Se alguém lhe manda tomar um ar ele quer segurá-lo com a mão. Todos pregam-lhe peças. Alguém o manda abaixar-se e olhar para os pés: ele se abaixa e leva um pontapé nos fundilhos; achando a piada "muito boa", vai passá-la a um terceiro personagem; este lhe pede para mostrar como fazê-lo e o clown recebe um novo pontapé deste novo personagem, que já conhecia a blague.

O pequeno nariz vermelho, "a menor máscara do mundo", dando ao nariz uma forma redonda, banha os olhos de ingenuidade e aumenta o rosto, desarmando-o de qualquer defesa. Ele não causa medo, o que faz com que seja amado por todas as crianças.

A BUSCA

Essa busca de seu próprio clown reside na liberdade de poder ser o que se é e de fazer os outros rirem disso, de aceitar a sua verdade. Existe em nós uma criança que cresceu e que a sociedade não permite aparecer; a cena a permitirá melhor do que a vida.

Esse caminho é puramente pedagógico e essa experiência serve ao comediante para além mesmo da representação clownesca. Não basta, para um clown de teatro, apresentar-se ao público fracassando naquilo que procura realizar e com uma roupa típica e nariz vermelho. O clown profissional deve saber realizar seus fracassos com talento e trabalho. Os clowns de teatro fundamentam-se mais sobre o talento do comediante que sobre o do acrobata; sem o nariz vermelho, eles animam um mundo geralmente absurdo e trágico. Em companhias, montam peças curtas criando seus personagens a partir de si mesmos, caricaturando a si mesmos.



RESGATAR O CIRCO DRAMA

Em tempos idos havia em nosso país Companhias Circenses que se especializavam em dramatizações. Personagens como o Lobisomem, Mula sem cabeça, Vampiros entre outros, além de clássicos como Romeu e Julieta, Dom Quixote, Cyrano eram satirizados em textos quase que totalmente improvisados pelos palhaços-atores destas companhias ou soprado pelo “ponto” posicionado em uma minúscula abertura no pequeno palco de madeira.



Alguns utilizavam o palco à italiana, outros apenas os picadeiros eram suficientes para o desenvolvimento dessas historietas. Na década de 60 estes circos atraíam multidões às pequenas lonas que ficavam durante meses estacionados nos mesmos lugares. A água era emprestada pelo vizinho da casa ao lado em troca de convites especiais e de lugares de honra. Em volta do palco ficava o público comum acomodado sobre uma arquibancada rústica feita de tábuas e cordas, no centro ficavam algumas cadeiras, dito numeradas e bem na frente haviam ainda os camarotes, cobijados pelos mais abastados do bairro, como o dono da padaria que fornecia o pão, o açougueiro, o farmacêutico e assim por diante.

Com o advento da TV estes circos foram perdendo sua força e com o passar do tempo e com as facilidades aumentando para se adquirir uma televisão em preto e branco, a decadência deste tipo específico de circo foi inevitável, dando lugar às novelas e folhetins baratos de péssimo conteúdo. Mas, a perda maior foi da própria cultura popular, pois os artistas detinham um repertório inimaginável de textos onde eram citados os contos mais populares e oriundo do folclore do nosso país e do mundo. Ali crianças e adultos conheciam mesmo de forma rápida as histórias e textos clássicos, como os grandes personagens da história universal, que, infelizmente, vêm sendo desprezados, com raras exceções.

A NOVA PROPOSTA – HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS

Estes circos realizavam uma tarefa muito benéfica para o convívio social, pois transformava o bairro em uma grande família. Era comum encontrar os homens pela manhã do dia seguinte, discutindo sobre Shakespeare, Martins Pena, Cervantes, em seus costumeiros goles de cerveja no botequim da esquina. E quanto às mulheres, eles traziam ensinamentos, mudavam comportamentos e as crianças encenavam nas calçadas os espetáculos vistos no dia anterior.

Hoje em dia apesar de fatos como esse acontecerem também em pequena escala, o consumismo e a necessidade de se vender algo através dos programas de TV fazem deste veículo, um meio para criar modismos sem a preocupação com o conteúdo, diminuindo sensivelmente a qualidade dos textos dramatizados através das novelas e provocando a queda vertiginosa de qualidade de vida, a insatisfação consigo mesmo, a cidadania e ainda é público e notório que programas de nível cada vez pior invadem nossas casas em busca de audiência a qualquer custo em detrimento da cultura nacional tão rica e maravilhosa.

Porém, podemos ressaltar que este tipo de circo de histórias não desapareceu totalmente, apenas modernizou-se e transferiu-se para os palcos de teatro. É com essa perspectiva que empreendemos a tarefa de contar um pouco dessa trajetória utilizando como pano de fundo a História do Brasil em seus fatos mais marcantes que determinaram a nossa identidade como brasileiros que somos e como cidadãos inseridos no mundo globalizado e cientes de suas responsabilidades com o próximo, a natureza e a vida.



RELEASE

Infantil, 50 min, texto e direção de Orlando Moreno

Lelé & Belinha querem ser palhaços de um circo que está fechando as portas. Para tentar salvar o circo, decidem contar uma última história: "A História do Brasil – De Cabral à Republica Virtual". Só que desta vez tudo pode ser diferente, pois está em jogo o palhaço e o mundo do circo. E o espetáculo tem que continuar....

FICHA TÉCNICA

Produção:	Cia. Abaréteatro
Texto / Direção:	Orlando Moreno
Cenografia	Orlando Moreno
Figurinos	Zenilda Muniz
Iluminação	Luciana Marques
Sonoplastia:	Andress Correa
Maquiagem:	Neide Ruas
Elenco:	Orlando Moreno Luciana Marques

BREVE CURRÍCULO DO ELENCO

ORLANDO MORENO – AUTOR - DIRETOR – ATOR

DRT/SP 18923

35 anos de carreira profissional. Formado em Comunicação e Arte e Ciências Econômicas e Sociais. Ingressou no teatro através das Oficinas Culturais do SESC em 1972-Núcleo (CPT– Santos). Foi fundador do TEMETAL – Teatro Experimental dos Metalúrgicos, onde foi diretor até 1987, membro fundador da Academia Santista Juvenil de Letras de Santos. Tem curso de cenografia com J C Serroni, Mamulengos com Valdeck de Garanhuns e luz com Hamilton Vaz Pereira. Trabalhou com diversos diretores como Cezar Vieira, Marco Antonio Rodrigues, Antonio do Valle, participando de diversas montagens, filmes, novelas, programas de tv infantil e documentários. Foi um dos diretores que encenaram textos inéditos de Oscar Phon Phull e Plínio Marcos. Transferindo-se para Itanhaém em 1995, fundando a Cia Abaréteatro e a partir daí acumulou, como diretor, diversos prêmios nos últimos anos como Autor, Ator, Figurinista, Cenógrafo, e Iluminador.

LUCIANA MARQUES – ATRIZ

DRT/SP 18926

Atriz, Arte-educadora, formada em Pedagogia com especialização na área teatral para crianças e adolescentes pela Unacid. Em 1990 participou de Oficinas Culturais da Secretaria do Estado da Cultura em Itanhaém. Em 95 ingressou na Cia Abaréteatro. Assumiu e colaborou nas pesquisas para implantar o Projeto de Teatro Educativo desde o seu início, participando de festivais, onde obteve prêmios de Melhor Atriz, Cenografia, Figurino e Sonoplastia. Em 2007 participou de projeto de Montagem com o diretor Antonio Abujamra., como atriz e fez curso de iluminação com Wagner Freire. É uma das fundadoras da Cia Abaréteatro



CURRÍCULO DO ESPETÁCULO

“Faz de Conta que tem... História”, teve sua estréia em 2000 com a direção de Antonio do Valle. Em comemoração aos 500 anos de Brasil, realizou apresentações em várias cidades do litoral paulista. Em 2005, a Cia. Abaréteatro, em comemoração aos 10 anos de Cia., remonta este espetáculo agora com a direção de Orlando Moreno, com temporada nos SESC's e cidades do interior paulista.

Realizou os projetos:

- *Semana do Descobrimento do Brasil – Teatro Procópio Ferreira – Guarujá/SP*
- *Mostra de Teatro de Serra Negra/SP*
- *“Projeto Escola” - Angra dos Reis – RJ*
- *“Teatro na Escola” – Santana de Parnaíba/SP*
- *Programa Especial Leia Brasil - TV Educativa – RJ*
- *Circuito Teatro a Bordo*
- *Mostra Sesc de Artes*

CRÍTICAS DO ESPETÁCULO

“...a idéia de aprender brincando atinge a criança e o espetáculo acaba saindo do palco para a platéia de uma forma espontânea...Uma aula de história sem ser propriamente didática ”

Luiz Gomes Otero Jornal A Tribuna – Santos/SP – 30/05/1999

“...a seriedade do trabalho de Orlando Moreno traz a certeza e a garantia de qualidade...”

Carmelinda Guimarães Jornal A Tribuna – 18/09/1999

“... O Faz de Conta como é conhecido pelas nossas crianças é encenado todos os dias nas escolas. Considero o melhor trabalho que já tivemos aqui , de largo aspecto pedagógico e divertidíssimo...”

*Eliana Mª da Cruz Silva – Secretária de Educação de
Santana de Parnaíba/SP Jornal da Cidade - 01/11/2000*

“...Um espetáculo contagiante, simples e imperdível para todas as idades...”

Toninho Macedo – Jornal de Iguape -SP

“A História do Brasil, nunca foi tão fácil de ser ensinada, em 50 minutos eu não seria capaz de fazê-la nem em quatro anos na classe...”

*Cilene Forssell – Diretora de Educação de Itanhaém e
Proprietária do Colégio Evolução - Objetivo*

FOTOS / FLYER DO ESPÉTÁCULO

FAZ DE CONTA QUE TEM... HISTÓRIA

Texto e Direção
Orlando Moreno
Elenco
Luciana Marques
Orlando Moreno

PROJETO
AbarÉ 15 anos
Circulação de Repertório

O circo chegou e Lele & Belinha, de tão felizes, organizam uma Parada para serem contratados como palhaços. Só que, infelizmente, o dono vai transformá-lo em lixo, ferro-velho e sucata. Assim, para salvar o Circo resolvem por conta própria contar uma última história. A História de Cabral à República Virtual, porque afinal de contas o espetáculo tem que continuar!

Contato
(13) 3426-3717
(13) 9788-6827
abare@abareteatro.com.br
www.abareteatro.com.br





CUSTOS

A Cia Abaréteatro neste ato é representada pela empresa :



AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, nº 3407
JARDIM ITAPEL - ITANHAÉM - SP
CEP 11.740-000
CNPJ (MF) Nº 10.929.066/0001-14
INSCRIÇÃO MUNICIPAL Nº 160.680

NOTA FISCAL DE SERVIÇOS
(CONSUMIDOR)
SÉRIE "A"

DATA DA EMISSÃO : _____ Nº

Conta Corrente da Empresa:

Banco NOSSA CAIXA

Agência 0226-7– Itanhaém c/c nº 04-001183-6

Valor para uma apresentação já incluindo despesas com transporte, alimentação e hospedagem: **R\$ 2.000,00** (Dois mil reais) mediante prévio agendamento e contratação

Poderão ser apresentados outros valores conforme número de apresentações deste ou de outro espetáculo do repertório para os mesmos locais/datas diferentes ou não.

NECESSIDADES TÉCNICAS

PALCO/ ESPAÇO MÍNIMO

(5,00m boca de cena X 4,00 m profundidade)

01 CD PLAYER

MESA DE SOM (MÍNIMO 06 CANAIS)

MESA DE LUZ :

LUZ BRANCA GERAL

LUZ AZUL GERAL

01 FOCO CENTRAL

02 FOCOS AUXILIARES

03 MICROFONES DE LAPELA (SÃO DE NOSSA RESPONSABILIDADE)

Projeto elaborado por

Cia Abaréteatro

Orlando Moreno

www.abareteatro.com.br

abare@abareteatro.com.br

Fone/fax (13) 3426-3717 cel: (13) 9785-6827 ou(13) 7812-2186 55*105*